

Fé e câncer infanto-juvenil: serenidade e crença auxiliam tratamento

Por Teresa Fonseca, presidente da Sociedade Brasileira de Oncologia Pediátrica

Receber um diagnóstico de câncer é difícil, agora imagine uma mãe e um pai recebendo a notícia de que o filho está com câncer? Todos sofrem: a criança, os pais, a família e a equipe médica. Ter fé e acreditar sempre na possibilidade de cura é fator que auxilia as pessoas envolvidas no tratamento a viverem melhor. Não são todas as pessoas que são religiosas, mas temos que levar em conta que estamos no Brasil, o país considerado mais religioso do mundo.

Uma das comprovações científicas de que a fé auxilia no tratamento médico é baseada no estudo da Santa Casa de Porto Alegre, realizado em 2012, que aponta que 70% dos pacientes gostariam que o médico falasse sobre religião, mas apenas 15% o fazem. Além disso, mais de 84% dos pacientes entrevistados acreditavam que ter fé faz bem à saúde e 88,2% usavam a fé como conforto na doença.

Porém, os médicos devem ser cautelosos ao abordar o assunto com o paciente e familiar e analisar se há abertura para esse tema. Quando há abertura sobre religiosidade, coloco para as famílias na qual assisto que Deus nos oferece as ferramentas necessárias para cuidar dessa criança. O instrumento completo para o tratamento desses pacientes é juntar a fé e a ciência.

Outro ponto importante a ser reforçado é que nunca o tratamento médico deve ser interrompido, quando a criança apresenta melhora e a família a atribui a religiosidade, deve-se também orientá-los sobre os efeitos benéficos dos medicamentos, quimioterapia e cirurgias.

Os rituais de cada religião auxiliam para dar conforto, esperança e ânimo de que tudo dará certo e cabe ao médico avaliar se determinadas ações podem impactar diretamente no tratamento como tomar pílulas recomendadas por entidades espíritas ou de santos católicos, banhos em cachoeiras, frequentar terreiros com pessoas que fumam charutos ou cachimbos. Lembrando também que independentemente da crença, o médico não deve julgá-la ou ser preconceituoso com a cultura religiosa da família.

Além disso, vale ressaltar que mesmo em situações e casos difíceis, os profissionais envolvidos na saúde da criança devem ter cautela ao se referir ao estado físico desse paciente pediátrico, pois toda má notícia é difícil de ser enfrentada em qualquer circunstância, mas quando o assunto é criança, na imaginação dos pais e da família, a morte nunca está relacionada a ela, por mais grave que seja o grau da doença que a acomete e cabe a nós, médicos, transmitir zelar não apenas pelo estado físico dessa família, mas também dar o maior apoio e suporte possível nesse momento delicado da vida.

São nos momentos mais difíceis que descobrimos a importância dos verdadeiros valores. A fase delicada irá passar, mas é necessária para nos transformarmos em pessoas melhores.